

MASTIKSOUL

UMA VIDA EM MOVIMENTO

Biografia oficial — versão longa

DENTRO
LA GUÍA
DE CLUBS MÁS
VICIOUS DE ESPAÑA

DANCE CULTURE MAGAZINE

Vicious

REVISTA DE MÚSICA
ELECTRÓNICA
LIFESTYLE
Y CLUBS

Vicious on the road con:

Mastiksoul

Entrevistamos a:

Pablo Ceballos
Sam Obernik
Abel The Kid
Andrew Technique
Eme Dj

Especial

Swedish House Mafia - Take One / Until One

Festival a fondo

BPM - desde Playa del Carmen (Mexico)

Cómo se hizo

Amo y Navas / Who is Elvis

Liz Mugler @ Fashion Editor

MAGAZINE MENSUAL DE
MÚSICA DANCE
FEBRERO DE 2011
NÚMERO 05 - ÉPOCA 2
GIRANDO 180° LA CULTURA
DANCE EN ESPAÑA

05

3,95 €

“Ser original não é fazer música que todos entendem, mas música que reconhecem que foste tu que fizeste.”

Mastiksoul

Índice

- Prólogo — Antes de o público conhecer o nome
- 1. Angola, Portugal e França: a formação de uma identidade
- 2. DJ Viper e o primeiro vinil: a disciplina do techno
- 3. Londres, Croydon e o nascimento de uma força no tech house
- 4. Digital Distribution: quando distribuir discos também era construir uma cultura
- 5. 4Kenzo, Moxi, Yoda, Hoshi e Kitsam: o artista como editor
- 6. 2003–2007: reconhecimento internacional, estúdio e estrada
- 7. 2008–2009: a conquista do Beatport e a afirmação mundial
- Interlúdio — A carreira paralela de remisturador
- 8. 2010: The Album e a passagem para o grande público
- 9. 2011: rádio, capas, prémios e dois países em doze horas
- 10. 2012: Forever, Cidade FM e os grandes festivais
- 11. 2013–2014: televisão, MEO Music, Legend e cultura popular
- 12. 2015–2016: Mastikbeats, Shaggy e o fenómeno Gasosa
- 13. 2017–2018: Mariza, Tou na Moda e uma nova geração
- 14. 2019–2023: continuidade, pandemia e regresso às raízes
- 15. 2024–2026: fragilidade, recuperação e reafirmação
- Epílogo — Uma assinatura que atravessou várias eras
- Apêndice I — Marcos, distinções e memória visual
- Apêndice II — Editoras, selos e catálogos associados
- Apêndice III — Discografia e compilações selecionadas
- Apêndice IV — Remisturas, reworks e colaborações selecionadas

Prólogo — Antes de o público conhecer o nome

Uma carreira não começa no momento em que chega ao primeiro lugar

Há carreiras que parecem começar quando o público descobre um êxito. A de Mastiksoul começou muito antes: antes do Beatport, antes do iTunes, antes do YouTube, antes dos grandes festivais, antes de a profissão de DJ ocupar o centro da cultura popular. Começou quando a música eletrónica circulava em discos pesados, quando os contactos eram feitos em lojas de vinil, quando uma faixa precisava de atravessar cidades e fronteiras fisicamente para chegar às mãos certas.

Quando o nome Mastiksoul se tornou conhecido em Portugal, Fernando de Oliveira Figueira já tinha vivido várias vidas dentro da mesma profissão. Tinha sido DJ Viper, produtor de techno, colecionador e comprador de discos, fundador de editoras, responsável por uma distribuidora física em Londres, remisturador, viajante e observador privilegiado de uma das mais importantes transformações da música de dança europeia.

O que o público viria a reconhecer como a “assinatura Mastiksoul” nasceu dessa acumulação de experiências. Nasceu das raízes africanas, da juventude repartida entre Portugal e França, do contacto com a cultura eletrónica europeia, da precisão do techno e da elasticidade rítmica do house. Nasceu também de uma convicção que atravessaria toda a carreira: a música pode mudar de forma, mas não deve perder identidade.

Esta é, por isso, a história de um artista que não chegou à música eletrónica quando ela já estava estabelecida. Mastiksoul ajudou a atravessar, construir e comunicar diferentes fases dessa história — do vinil ao streaming, do underground ao grande público, da cabine escura ao palco perante dezenas de milhares de pessoas.

1. Angola, Portugal e França

A formação de uma identidade musical feita de deslocação, memória e ritmo

Fernando de Oliveira Figueira nasceu em Angola, a 7 de abril de 1977. A ligação a África não seria apenas uma referência biográfica: tornar-se-ia um elemento estrutural da sua linguagem musical. A percussão, a repetição, o sentido físico do ritmo e a procura constante por uma música capaz de mover o corpo acompanharam toda a sua produção, mesmo quando os géneros, as tecnologias e os públicos foram mudando.

A juventude decorreu entre Portugal e França. Foi sobretudo em Paris, num período em que a Europa assistia à explosão da cultura rave, do techno e das novas formas de produção eletrónica, que Fernando começou a compreender que aquele universo poderia ser mais do que uma paixão. A música eletrónica oferecia-lhe um espaço onde a técnica e o instinto podiam coexistir: máquinas rigorosas, batidas programadas e, ao mesmo tempo, uma liberdade quase ilimitada para criar ambientes, tensão e movimento.

Em 1992, ainda adolescente, iniciou formalmente o percurso como DJ e produtor. Não existiam redes sociais capazes de transformar um lançamento num acontecimento imediato. O reconhecimento dependia da seleção musical, do domínio técnico, da reputação construída em cada cabine e da capacidade de produzir discos que outros DJs quisessem tocar. Essa exigência ajudou a formar o método de trabalho de Mastiksoul: ouvir, testar, corrigir, voltar ao estúdio e compreender a reação da pista como parte do processo criativo.

A sua identidade não nasceu de uma escolha entre África e Europa, Portugal e França, techno e house. Nasceu precisamente da combinação. A força mecânica do techno encontraria mais tarde o balanço do house; a disciplina do estúdio encontraria a espontaneidade do público; e a experiência de viver entre culturas tornar-se-ia uma vantagem criativa, permitindo-lhe reconhecer ligações onde outros viam fronteiras.

2. DJ Viper e o primeiro vinil

A disciplina do techno e a primeira marca deixada em disco

Antes de existir Mastiksoul, existiu DJ Viper. Foi este o primeiro nome artístico de Fernando Figueira e foi com ele que a fase inicial da carreira ganhou uma forma discográfica concreta. Em 1997, lançou “V-Bomb”, um registo em vinil editado pela Squeeze, com uma remistura adicional de DJ A.Paul e a referência de catálogo SQUEEZE008.

A Squeeze ocupava um lugar relevante na primeira geração do techno português. Associada a A.Paul, DJ Ferro e Wogz, representava uma cultura em que editar um vinil implicava custos, risco e uma rede real de distribuição. Cada disco precisava de ser masterizado, prensado, transportado, promovido e colocado nas lojas. Para um jovem produtor, chegar a esse suporte significava ultrapassar uma barreira que separava a experiência privada de estúdio da participação efetiva numa cena musical.

“V-Bomb” não foi apenas um ponto de partida simbólico. Foi a primeira prova de que Fernando conseguia transformar uma ideia em objeto, catálogo e circulação. O techno ensinou-lhe economia: retirar o que era excessivo, construir tensão, dominar a repetição e compreender como pequenas alterações podiam mudar a energia de uma pista.

No final da década de 1990, contudo, começou a sentir que a sua linguagem precisava de maior elasticidade. O house permitia-lhe incorporar groove, percussão e elementos tribais sem abandonar a contundência que aprendera no techno. A mudança não aconteceu como uma rutura, mas como uma evolução. O futuro Mastiksoul começava a nascer precisamente nesse território intermédio.

3. Londres, Croydon e o nascimento de uma força no tech house

Entrar no centro de uma cultura que ainda estava a definir o próprio nome

No início dos anos 2000, Londres era um dos centros fundamentais da música eletrônica mundial. O tech house tinha crescido na capital britânica e encontrara em Croydon, na loja Swag Records, num conjunto de festas como a Wiggle e em figuras como Eddie Richards, Terry Francis, Nathan Coles, Liz Edwards, Gideon Jackson e Asad Rizvi, uma comunidade que privilegiava o groove, a sutileza e a função primordial da música: fazer dançar.

A história do gênero é frequentemente contada como a procura de um meio-termo entre house e techno, mas o contexto era mais rico do que essa definição. Tratava-se de uma rede de DJs, produtores, lojas, editoras, distribuidores e clubes que partilhavam discos e ideias. A música era minimalista sem ser vazia, musculada sem precisar de excessos, e suficientemente flexível para unir públicos distintos. Foi dentro deste ecossistema, e não à distância, que Mastiksoul desenvolveu uma parte decisiva da sua identidade.

Fernando construiu um estúdio de produção em Londres e aprofundou relações com vários dos nomes que ajudavam a definir aquela cena. Nathan Coles, uma das figuras centrais da Wiggle, não foi apenas uma referência ou colaborador: durante um período, foi também seu vizinho. Essa proximidade humana ajuda a compreender por que motivo tantas colaborações surgiram de forma orgânica. Não eram encontros artificiais criados por estratégias comerciais; eram extensões de uma comunidade que vivia, trabalhava, comprava discos e atuava nos mesmos circuitos.

As produções de Mastiksoul começaram a ser reconhecidas por nomes como Tony Thomas, Tom Stephan, Grant Dell, Terry Francis, Nathan Coles, Layo, Circulation e Justin Drake, dos Peace Division. Ao mesmo tempo, publicações britânicas como a Mixmag, a Jockey Slut e a DJ Magazine começaram a prestar atenção ao seu trabalho. A combinação entre raízes africanas, percussão tribal e construção tech house tornava-o reconhecível num mercado internacional extremamente competitivo.

Esta fase é essencial para compreender tudo o que viria depois. Mastiksoul não chegou ao tech house quando o estilo se tornou um produto global. Esteve presente durante a fase em que a sua linguagem, as suas redes e a sua circulação internacional se estavam a consolidar.

4. Digital Distribution

Quando distribuir discos também era construir uma cultura

Foi neste contexto que Mastiksoul, em parceria com o DJ Token Pace, fundou a Digital Distribution. Apesar do nome, não se tratava de uma plataforma digital. Era uma distribuidora totalmente dedicada ao tech house em vinil — um negócio físico, logístico e altamente especializado, criado numa época em que a sobrevivência de uma editora dependia da capacidade de fazer chegar cada prensagem às lojas e aos DJs certos.

A Digital Distribution assumiu em exclusivo o lançamento e a distribuição de editoras associadas a figuras fundamentais do género, entre elas Gideon Jackson, Eddie Richards, Liz Edwards, Nathan Coles e Asad Rizvi. A empresa não se limitava a movimentar caixas. Selecionava catálogos, estabelecia relações com lojas e mercados, ajudava novas referências a ganhar visibilidade e participava na definição do que circulava dentro da cena.

Segundo o arquivo histórico e o testemunho do próprio Mastiksoul, em apenas dois anos a Digital Distribution tornou-se a maior distribuidora mundial especializada em tech house. A importância deste dado ultrapassa a dimensão empresarial. Significa que Fernando Figueira não foi apenas um produtor beneficiado pela explosão do género: foi um dos agentes que ajudaram a alimentar essa explosão, garantindo que discos, editoras e artistas chegavam a diferentes territórios.

Os primeiros discos de Mastiksoul circularam através da própria distribuidora. Entre 2003 e 2005, a sua presença cresceu simultaneamente em três frentes: como produtor, como DJ e como responsável por uma estrutura que influenciava o mercado físico do tech house. Esta combinação deu-lhe uma compreensão rara da indústria. Sabia o que funcionava na pista, o que interessava às lojas, o que os distribuidores precisavam e o que uma editora tinha de fazer para sobreviver.

O crescimento da Digital Distribution coincidiu com uma fase em que o tech house se expandia rapidamente para fora do seu núcleo londrino. O género começava a chegar a salas maiores, a Ibiza e a mercados europeus cada vez mais amplos. Nesse momento de transformação, Mastiksoul encontrava-se numa posição privilegiada: dentro da cabine, dentro do estúdio e dentro da cadeia de circulação do vinil.

“A Digital Distribution não tinha nada de digital. O nome olhava para o futuro, mas o trabalho era feito com vinil, caixas, lojas e relações pessoais.”

Nota de arquivo da carreira

5. O artista como editor

4Kenzo, Moxi, Yoda, Hoshi e Kitsam

A experiência acumulada na distribuição reforçou uma convicção: para preservar a própria identidade, Mastiksoul precisava de construir estruturas próprias. Assim nasceu a 4Kenzo Recordings, desenvolvida em Londres como uma editora independente e, com o tempo, transformada num dos eixos permanentes da sua carreira.

A 4Kenzo permitiu-lhe editar a própria música, colaborar com produtores internacionais e criar um catálogo com uma coerência estética reconhecível. O seu roster integrou artistas como DJ Sneak, Renato Cohen, Brett Johnson, Johnny Fiasco, 1200 Warriors, Angel Alanis, Tony Thomas e Joey Youngman. A editora tornou-se uma plataforma de ligação entre cenas norte-americanas, britânicas, brasileiras e europeias.

Em paralelo, Mastiksoul fundou a Moxi Records com Tony Thomas, um dos seus parceiros mais importantes na vertente tribal do house. O apoio de DJs como Carl Cox e Danny Tenaglia ajudou a projetar o selo. Mais tarde, surgiram a Yoda Recordings, desenvolvida com ADD — também conhecido como Jay Household —, a Hoshi Recordings, pensada para o mercado ibérico, e a Kitsam Recordings, uma editora digital criada em exclusivo para o Beatport.

A multiplicação de editoras não resultava de uma dispersão sem estratégia. Cada uma respondia a uma necessidade: mercado físico, identidade tribal, penetração regional, experimentação, colaboração ou adaptação à nova economia digital. Mastiksoul compreendeu cedo que a indústria mudaria de suporte, mas continuaria a depender de curadoria e confiança.

A 4Kenzo acabaria por atravessar todas essas mudanças. Do vinil ao download, do download ao streaming e do underground aos projetos de grande exposição, a editora manteve-se como uma assinatura de independência. Em 2026, a celebração de 26 anos de catálogo confirmaria a longevidade de uma estrutura criada quando a carreira internacional ainda estava a ser construída.

6. 2003–2007: reconhecimento internacional, estúdio e estrada

Da validação dentro da cena ao nascimento de uma digressão global

Em 2003, o “South Tribal EP”, editado pela Difference Records, tornou-se um dos primeiros marcos claros do reconhecimento internacional de Mastiksoul. O trabalho recebeu apoio de DJs relevantes e “South Tribal” foi licenciado pela ITV para o programa britânico “Joy of the Decks”. No mesmo ano, “I Believe” foi incluído em “Fabric 16”, compilação misturada por Eddie Richards para o clube londrino Fabric.

A presença em “Fabric 16” tinha um peso especial. O Fabric era uma instituição da vida noturna londrina, e Eddie Richards era uma das figuras fundadoras da cultura tech house. Para Mastiksoul, entrar nessa seleção significava ser reconhecido por alguém que ajudara a criar o território musical no qual ele próprio se estava a afirmar.

No final de 2004, o catálogo de Mastiksoul já se estendia a editoras como Wiggle, Tribo, Household e Eye4Sound. Em 2005, intensificou as edições em selos britânicos, norte-americanos, espanhóis e portugueses, colaborou em estúdio com Nathan Coles e Gabo e realizou digressões por países como Alemanha, Áustria, Bélgica, Argentina, Brasil, Colômbia, Bulgária, Estados Unidos e Portugal.

A agenda de clubes cresceu em paralelo: Rex, em Paris; Ultimate Base, Gas e The Cross, em Londres; Kremlin e Alcântara Club, em Lisboa; Decadance, na Bélgica; e muitos outros espaços onde o público era exigente e a reputação se construía set após set. Cada viagem expandia a rede de contactos e, ao mesmo tempo, permitia testar as próprias produções em sistemas de som e culturas de pista diferentes.

Em 2006, as colaborações com DJ Sneak e Renato Cohen reforçaram a sua posição internacional. Mastiksoul editava por selos como Robsoul, Magnetic e Guesthouse, enquanto a sua música era licenciada para compilações como “Global Grooves”, misturada por DJ Vibe; “Sneak Beats”, da Ministry of Sound, misturada por DJ Sneak; e “House of OM”, misturada por Johnny Fiasco.

Foi também em 2006 que Mastiksoul formalizou uma ligação decisiva ao Brasil, ao passar a ser representado pela Hypno DJs Management. O press book preservado pela agência apresenta a Hypno como a estrutura brasileira responsável pelos seus bookings e reúne biografia, discografia, parceiros internacionais e uma longa lista de clubes já conquistados. Para um artista europeu, esta representação significava acesso regular a um mercado continental, com uma cultura de pista própria e uma enorme capacidade de absorver house percussivo e tribal.

Segundo o arquivo da carreira, a Hypno era então a principal agência brasileira especializada em DJs. A parceria culminou em sucessivas digressões pelo país e aprofundou relações que já

vinham do estúdio e das compilações, entre elas a ligação ao produtor Gabo. O Brasil deixou de ser uma passagem ocasional e tornou-se um dos territórios fundamentais da expansão internacional de Mastiksoul.



Press book histórico da Hypno DJs Management, agência responsável pela representação de Mastiksoul no Brasil a partir de 2006.

Nesse período, misturou também “Hypno Series 3” com o brasileiro Gabo, além de compilações como “Wicked! Tech Funk House”, “My House” e “The Best of Latin House”. Estes trabalhos revelavam outra dimensão do artista: a capacidade de construir uma narrativa longa através da seleção e da mistura, ligando temas próprios a referências que definiam a sua visão do house.

Em 2007, a carreira assumiu definitivamente uma escala mundial. A digressão passou pelo Volar, em Hong Kong; Pacha, em Buenos Aires; Smartbar, em Chicago; Footwork e The Guvernment, em Toronto; Focus, em Los Angeles; Club Q, em Zurique; Manga Rosa, no Brasil; Comics, na Bulgária; H2O e Mood, na Bélgica; Kadoc e Swing, em Portugal, entre outras salas.

A colaboração com Saeed Younan alcançou o primeiro lugar no Beatport durante quatro semanas, de acordo com o arquivo promocional da época, e foi licenciada para várias compilações internacionais. A esta altura, Mastiksoul já não representava apenas um talento

português em circulação: era uma referência reconhecida no circuito global do house e do tech house.

7. 2008–2009: a conquista do Beatport

Jacobino, Run for Cover, Bofe de Elite e o momento em que o mundo “ficou Mastik”

O ano de 2008 foi um ponto de viragem. A transição do vinil para as lojas digitais estava a alterar a indústria e o Beatport tornara-se uma das principais referências para DJs. Mastiksoul entrou nessa nova fase com a vantagem de quem já conhecia profundamente o mercado físico, as editoras e a pista.

“Jacobino” alcançou o primeiro lugar e, segundo o press kit de 2009, permaneceu nessa posição durante cerca de dois meses, terminando entre os temas house mais vendidos de 2008. “Run for Cover” dominou tabelas durante vários meses, enquanto “Land of Spirits”, “Caliente”, “Macaron” e “Revolution” reforçavam uma presença quase permanente nos lugares de destaque.

O arquivo da época regista que aproximadamente 80% dos lançamentos de Mastiksoul entraram nas tabelas e que, durante os três últimos meses do ano, o artista se manteve continuamente no Top 10 através de edições consecutivas. Mesmo considerando a natureza promocional destes números, as capturas de ecrã preservadas confirmam uma posição invulgarmente forte na plataforma.

O reconhecimento não se limitou às vendas. Em 2008, Mastiksoul recebeu duas distinções que confirmavam a força do seu trabalho em Portugal: o prémio de Melhor Remixer nos prémios da Rádio Nova Era e o galardão de Melhor Produtor de Música nos Portugal Night Awards. No ano seguinte, a Rádio Nova Era voltou a distingui-lo em duas frentes — como Melhor Produtor Nacional e com o Prémio Carreira. A sucessão de prémios, num espaço tão curto, mostrava que o impacto internacional do produtor já tinha sido plenamente reconhecido no seu próprio país.

Em 2009, o “Bofe de Elite EP” chegou ao primeiro lugar da tabela de Tech House do Beatport e entrou no Top 10 geral de downloads. A remistura de “Rap das Armas”, de Cidinho & Doca, aproximou a sua produção do universo cultural de “Tropa de Elite”, enquanto o “Buff Buff Remix” de Nick & Danny Chatelain para “Katrinyla” foi destacado como disco do mês no Beatport.

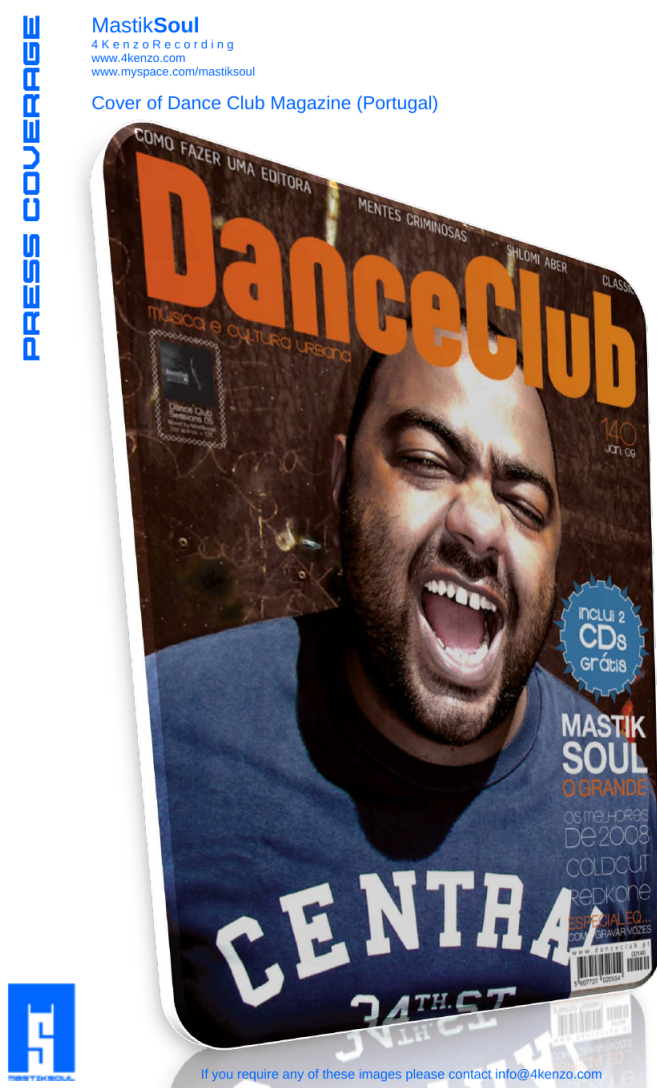
O impacto de “Jacobino” e do conjunto de lançamentos anteriores conduziu à nomeação para Melhor Produtor/Artista House nos Beatport Music Awards de 2009. A nomeação colocou Mastiksoul entre os nomes que definiam o house internacional naquele momento e confirmou, fora de Portugal, o alcance de uma sequência de lançamentos que dominara as tabelas digitais.

Em Portugal, o momento decisivo dessa transformação aconteceu a 9 de maio de 2009, na estreia nacional do Sensation White, no Pavilhão Atlântico, em Lisboa. Produzido pela ID&T e apresentado internacionalmente como “The World’s Leading Dance Event”, o espetáculo “The

Ocean of White” era então uma das marcas mais prestigiadas da música eletrónica mundial. Mastiksoul integrou a arena principal ao lado de nomes como Sebastian Ingrosso, Felix da Housecat e Tocadisco.

A dimensão do acontecimento ultrapassou o recinto. A emissão televisiva da SIC Radical levou o espetáculo e a atuação de Mastiksoul a milhares de espectadores em todo o país. Para o público português, deixou de ser apenas o produtor que liderava o Beatport ou o DJ reconhecido no circuito underground internacional: tornou-se uma verdadeira estrela nacional, associada ao maior espetáculo de música eletrónica recebido em Portugal naquele ano.

No mesmo período, atuou também no Sun Coast Festival, em Sevilha, e foi capa da revista portuguesa Dance Club, consolidando uma presença que já se estendia simultaneamente às tabelas internacionais, aos grandes palcos e à imprensa nacional.



Capa da revista Dance Club, janeiro de 2009 — arquivo de imprensa de Mastiksoul.

A designação “King of House”, usada em materiais internacionais da época, nasceu deste momento de domínio. Mais importante do que o título era o que ele representava: um produtor nascido em Angola, formado entre Portugal, França e Londres, chegava ao centro da economia

digital da música de dança sem abandonar a identidade percussiva e tribal construída no underground.

Interlúdio — A carreira paralela de remisturador

Quando uma canção, uma voz ou um clássico passavam a falar a linguagem Mastiksoul

A remistura nunca foi, para Mastiksoul, uma atividade secundária. Desde os primeiros anos do catálogo internacional, funcionou como uma forma de diálogo: receber a matéria-prima de outro artista, identificar o elemento emocional ou rítmico mais forte e reconstruí-lo para uma nova pista, sem apagar a identidade original. Esta capacidade ajudou a torná-lo conhecido muito antes de o grande público português reconhecer o seu rosto.

Na fase underground, assinou tratamentos para artistas e projetos como DJ Sneak, Saeed Younan, 1200 Warriors, DJ Homewrecker, Hipp-E, James Curd e o eixo formado por Chus, Ceballos e Carlos Manaca. Mais tarde, a mesma linguagem percussiva chegou a Cidinho & Doca, Flow 212, Buraka Som Sistema, Balearic Soul, Juan Magán e ao clássico mundial “I Like to Move It”, de Reel 2 Real e The Mad Stuntman.

A dimensão internacional cresceu com remisturas oficiais para Shaggy, Pitbull, Gene Noble, Massari e OMI, até chegar a “Good Morning Gorgeous”, de Mary J. Blige. Em paralelo, Mastiksoul continuou a usar o estúdio como espaço de reinvenção através de versões afrotech, afro-house e techno associadas a nomes como MAGIC!, DYSTINCT e Mariza. O denominador comum não era o género do artista de origem; era a transformação da música numa experiência física e imediatamente reconhecível.

Por rigor discográfico, nem todos estes encontros pertencem à mesma categoria: alguns são remisturas oficiais, outros são reworks, novas versões de colaborações anteriores ou temas coassinados. Em conjunto, porém, revelam uma segunda linha narrativa da carreira: Mastiksoul não produziu apenas os seus próprios êxitos — ajudou também a transportar repertórios de outros artistas para novas gerações de pistas.

8. 2010: The Album e a passagem para o grande público

A música de clube encontra a canção, a rádio e um novo tipo de exposição

Depois de conquistar o circuito especializado, Mastiksoul enfrentou um desafio diferente: traduzir a sua linguagem para um público mais amplo sem perder a assinatura. “The Album”, lançado em 2010, marcou essa transição. O projeto reuniu colaborações com Akon, Buraka Som Sistema, Gregor Salto, Dada, dos Deepest Blue, Angélico Vieira, Paul G e Nicol Ananaz.

A diversidade do álbum mostrava que Mastiksoul não pretendia abandonar o house, mas ampliar as suas possibilidades. Faixas como “Mboia”, “The Whistle”, “Taking Me High”, “Capotagem” e “Baila Bonito” exploravam diferentes equilíbrios entre pista, refrão, voz e percussão. O álbum alcançou o primeiro lugar no iTunes Portugal, levando para o mercado generalista um artista que, poucos anos antes, era sobretudo conhecido por DJs e colecionadores de vinil.

Entre todas as colaborações de “The Album”, “When I Fall in Love”, criada por Mastiksoul e Dada com a voz de Angélico Vieira, ganhou um lugar emocionalmente singular. Angélico era então uma das figuras mais populares da televisão e da música pop portuguesa, conhecido pelo percurso nos D’ZRT, pela carreira a solo e por uma presença mediática que o colocava entre os rostos mais reconhecidos da sua geração.

O videoclipe foi apresentado a 28 de outubro de 2010 na discoteca Kapital, em Lisboa, perante jornalistas e numerosas figuras públicas. A colaboração aproximava dois universos que, até então, raramente se encontravam com esta dimensão: a produção eletrónica de um artista vindo do circuito internacional do house e a voz de uma estrela pop nacional. O refrão — “you can leave the world behind” — ficou associado a um dos temas de maior exposição do álbum.

Poucos meses depois, em junho de 2011, a morte inesperada de Angélico, na sequência de um acidente rodoviário, alterou inevitavelmente a forma como a canção passou a ser escutada. A imprensa recuperou imagens da apresentação do videoclipe e o verso sobre “deixar o mundo para trás” adquiriu uma ressonância impossível de prever quando foi gravado. Para Mastiksoul, o tema permaneceu não apenas como um êxito, mas como memória de uma colaboração interrompida demasiado cedo.



Mastiksoul e Angélico Vieira durante o período de promoção de “When I Fall in Love”, uma das colaborações marcantes de “The Album”.

A atuação no Sensation White Chile e uma agenda internacional intensa confirmavam que o crescimento em Portugal não implicava uma retirada do circuito mundial. Ao mesmo tempo, a remistura de “Dama S”, de Salon, tornou-se um dos temas marcantes do verão, mostrando a capacidade de Mastiksoul para converter uma faixa numa experiência imediatamente reconhecível pela pista.

Este período definiu a dualidade que passaria a acompanhar a carreira. Para uma parte do público, Mastiksoul era o produtor underground que tinha chegado ao topo do Beatport. Para outra, era uma nova figura da música popular portuguesa. Em vez de escolher uma identidade e abandonar a outra, decidiu circular entre ambas.

9. 2011: rádio, capas, prêmios e dois países em doze horas

Um ano em que a carreira passou a ocupar simultaneamente a cabine, a imprensa e o imaginário popular

Em 2011, Mastiksoul começou o ano com “Yakuba”, um tema que recuperava a força tribal e percussiva das suas raízes eletrônicas. As colaborações com Chuckie, Sidney Samson, David Jones e Stefano Noferini mantinham-no ligado ao circuito internacional, mas a carreira ganhava também uma visibilidade mediática sem precedentes.

A revista espanhola Vicious colocou Mastiksoul em duas capas durante o mesmo ano. A primeira, em janeiro de 2011, apresentou-o como figura central da edição; outra capa, no número 13, voltou a integrá-lo no retrato visual dos nomes relevantes da música eletrônica. Nos Vicious Music Awards, foi distinguido como Melhor Artista Estrangeiro, consolidando em Espanha uma presença que já vinha sendo construída através de atuações, entrevistas e edições.



Material de divulgação do prémio de Melhor Artista Estrangeiro — Vicious Music Awards.

No mesmo período, apresentou um programa semanal na Rádio Nova Era, emitido à quinta-feira entre a meia-noite e a uma da manhã. O “Mastiksoul RadioShow” permitiu-lhe falar diretamente com um público nacional, selecionar música para além dos limites de um set de clube e reforçar o papel de curador que já exercia através das editoras e compilações.



Imagem de arquivo do Mastiksoul RadioShow na Rádio Nova Era, 2011.

O episódio mais simbólico do ano aconteceu a 6 de agosto. Durante a tarde, Mastiksoul atuou no Dance Valley, nos Países Baixos; depois viajou para Portugal e, já de madrugada, subiu ao palco do Summer Dance Trip, na Costa da Caparica. A imprensa apresentou o feito como a primeira vez que um DJ português atuava em dois países diferentes no mesmo dia. Em cerca de doze horas, dois festivais e dois públicos ficaram ligados pela mesma viagem.



Flyer da atuação em dois países no mesmo dia: Dance Valley, Países Baixos, e Summer Dance Trip, Costa da Caparica, 6 de agosto de 2011.

A importância do acontecimento não está apenas no recorde logístico. Ele resume o momento que Mastiksoul vivia: reconhecido internacionalmente durante o dia e capaz de regressar a Portugal para encontrar uma sala cheia e um público que já o via como um dos seus grandes artistas.

No final do ano, o videoclipe de “Forever”. O projeto reuniu os futebolistas Nani e Miguel Veloso, Dada e Chuckie. O cruzamento entre música eletrônica, cinema e futebol revelou a dimensão cultural que o nome Mastiksoul começava a alcançar.

Dada era o nome artístico utilizado pelo produtor e compositor britânico-israelita Matt Schwartz, fundador dos Deepest Blue e autor de um percurso internacional que atravessava house, pop e produção para grandes artistas. A parceria com Mastiksoul deu a “Forever” uma escala melódica e cinematográfica, fazendo do tema muito mais do que um single de pista.

No vídeo, Nani e Miguel Veloso surgiam dentro de uma jaula e caracterizados como guerreiros, numa disputa visual entre a força do futebol e a energia dos DJs. O projeto foi concebido como uma celebração da música, do desporto e da união nacional num momento em que ambos eram peças importantes da Seleção Portuguesa a caminho do Euro 2012. Enquanto uma remistura assinada por Chuckie e Tony Romera prolongava a vida internacional da faixa nos clubes.



Imagem de bastidores do universo visual de “Forever”, projeto que cruzou música eletrônica, futebol, cinema e performance.

10. 2012: Forever, Cidade FM e os grandes festivais

A consolidação nacional acompanhada por uma presença internacional cada vez maior

Em 2012, o álbum “Forever” tornou-se o centro de uma nova etapa. Com participações de Rita Guerra, Lance Kotara, David Jones, David Anthony e Dada, o projeto aprofundou a aproximação entre música eletrônica e canção. Segundo o arquivo da carreira, tornou-se o álbum de música de dança mais vendido em Portugal naquele período.

Como single principal e tema-título, “Forever” tornou-se uma das composições mais identificadas com a carreira de Mastiksoul. O álbum ampliou esse universo com “I Can Feel Your Love”, interpretado por Rita Guerra, e com participações e versões ligadas a Dada, Chuckie e outros colaboradores internacionais. O conjunto funcionava como um retrato de um artista que já conseguia reunir, no mesmo projeto, vozes portuguesas, produtores globais e símbolos populares reconhecidos muito para além da música eletrônica.

A digressão nacional associada ao álbum encontrou salas cheias em diferentes pontos do país. Mastiksoul já não era apenas um DJ convidado para uma noite; apresentava um repertório reconhecido, convidados e uma narrativa de espetáculo. A relação com o público português atingia um novo patamar.

A rádio voltou a desempenhar um papel decisivo. Depois da experiência na Nova Era, Mastiksoul estreou um programa semanal na Cidade FM, emitido aos sábados entre a uma e as duas da manhã. O horário era coerente com a identidade do artista: a emissão funcionava como uma extensão da noite, levando o ambiente de clube para milhares de ouvintes.



Campanha de lançamento do Mastiksoul RadioShow na Cidade FM, 2012.

No plano internacional, 2012 incluiu a estreia no Tomorrowland. A participação num dos maiores festivais de música eletrônica do mundo representava o reconhecimento de um percurso iniciado vinte anos antes. Seguiram-se ou repetiram-se atuações em eventos como Aruba Film Festival Week, Latin Village, Dance Valley, Street Parade, Spirit of London em São Paulo, Ministry of Sound em Londres, Mysteryland Chile, Expofacile e MEO Spot.

Entre essas atuações, o Spirit of London ocupou um lugar especial. Na edição Fantasy de 2012, Mastiksoul subiu ao palco no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo, num dos maiores festivais eletrônicos brasileiros daquele período. O cenário tinha uma dimensão rara: arquibancadas, pista e estruturas de palco formavam uma massa humana que se prolongava por todo o sambódromo.

A memória e o arquivo da equipa situam a audiência próxima das oitenta mil pessoas. As divulgações públicas da edição anunciavam dezenas de milhares de participantes e uma expectativa na ordem das cinquenta mil pessoas; independentemente da diferença entre estimativas, a imagem preservada da atuação documenta um dos maiores públicos enfrentados por Mastiksoul no Brasil e um marco na relação iniciada anos antes através da Hypno DJs Management.



Spirit of London, Sambódromo do Anhembi, São Paulo, 2012 — um dos maiores públicos da trajetória internacional de Mastiksoul.

No final do ano, “Hurricane”, com David Anthony e Taylor Jones, encerrou uma das fases mais intensas da carreira. O tema sintetizava a direção que Mastiksoul vinha a desenvolver: produção eletrônica expansiva, voz central, refrão forte e uma dimensão pensada tanto para o palco como para a rádio.

11. 2013–2014: televisão, MEO Music, Legend e cultura popular

O momento em que o DJ se tornou uma figura transversal do entretenimento português

Em 2013, Mastiksoul lançou “Hands Up”, com DMOL, e iniciou uma digressão nacional que voltou a encontrar salas esgotadas. Durante a própria tour, os dois artistas produziram “Turn Up”, prolongando uma parceria construída tanto no estúdio como no palco.

A dimensão alcançada em Portugal ficou registada na edição n.º 98 da revista Super Noite, publicada em março e abril de 2013. Mastiksoul ocupou a capa, apresentado como “o DJ/produtor n.º 1 de Portugal da atualidade”. A escolha refletia o lugar que já ocupava no imaginário nacional: uma figura central da noite portuguesa, com repertório próprio, exposição mediática e uma carreira internacional consolidada.



Capa da revista Super Noite, n.º 98, março/abril de 2013 — Mastiksoul apresentado como o DJ/produtor n.º 1 de Portugal da atualidade.

No verão, Mastiksoul participou no grande concerto de Anselmo Ralph no MEO Arena, perante cerca de dezoito mil pessoas. Regressou ao Tomorrowland e atuou na Expofacil perante um público estimado em aproximadamente quarenta mil pessoas, além de passagens pela Azurara Beach Party, Festival da Povoação, Electric Festival Aruba e Summer Jam Tenerife.

A compilação MEO Spot, misturada por Mastiksoul, alcançou o segundo lugar da tabela nacional. Pouco depois, a sua remistura de “I Like to Move It” tornou-se um dos temas mais tocados do inverno, chegou ao primeiro lugar no DJTunes e obteve posições de destaque em Espanha e noutros mercados europeus.

O álbum “Legend” consolidou esta fase, reunindo colaboradores como Anselmo Ralph, Rita Guerra, DMOL, Amanda Wilson, Ebbyman e Krishane. O título assumia a consciência de um percurso já longo, mas também a vontade de continuar a disputar o presente.



O mesmo ano ficou marcado pela campanha de lançamento do MEO Music, serviço que sucedeu ao antigo Music Box. Ao lado de Ricardo Araújo Pereira, Mastiksoul participou numa campanha de grande dimensão nacional, com presença televisiva e comunicação multimeios. O encontro entre o humorista e o DJ criou uma imagem imediatamente reconhecível e colocou a música eletrónica no centro da comunicação de uma das maiores marcas portuguesas.

Para Mastiksoul, a campanha representou mais do que publicidade. Foi um marco de visibilidade para um DJ português e demonstrou que a sua figura já era compreendida por públicos muito diferentes: frequentadores de clubes, ouvintes de rádio, utilizadores de serviços digitais e famílias expostas diariamente à televisão.

Em 2014, colaborou com Rui Unas e Luciana Abreu em “Dança do Campeão”, criado para apoiar a Seleção Portuguesa no Campeonato do Mundo do Brasil. O vídeo alcançou, segundo o arquivo da época, cerca de 850 mil visualizações em duas semanas, transformando-se num tema de forte circulação popular. As digressões continuaram por Brasil, Colômbia, Maurícia, Espanha, Países Baixos, Angola, França, Luxemburgo e Bélgica. No final do ano, “Naked in the Streets”, com Francci, acompanhado por um videoclipe gravado em Los Angeles, voltou a apontar para uma produção com vocação internacional.

12. 2015–2016: Mastikbeats, Shaggy e o fenómeno Gasosa

Uma nova linguagem para um artista que recusava ficar preso ao próprio passado

Em 2015, Mastiksoul aprofundou uma direção que já vinha a preparar: a criação de uma linguagem urbana, africana e lusófona capaz de existir para além do formato tradicional do DJ set. Entrou em estúdio com C4 Pedro, Mia Rose e Lourenço Ortigão e lançou o universo “Mastikbeats”, com participações de Yuri da Cunha, Dicklas One, DMOL, The Groove e outros artistas.

O projeto não se limitou a um álbum. Em parceria com a Redmojo, nasceu o conceito “Mastikbeats Live”, pensado para integrar DJ, vozes, dança, elementos visuais e uma energia de concerto. Era uma nova forma de apresentar ao vivo a mistura de eletrónica, kuduro, afro-house e música urbana que Mastiksoul vinha a desenvolver.

Nesse ano, atuou no Estádio José Alvalade durante a celebração da Taça de Portugal conquistada pelo Sporting Clube de Portugal, num momento promovido como inédito para um DJ nacional. Perante milhares de adeptos, a cabine deixou de ser apenas o centro de uma festa noturna e passou a integrar uma celebração desportiva de dimensão nacional.

O impacto desta primeira presença levou a um novo convite no ano seguinte. Mastiksoul atuou, assim, durante dois anos consecutivos no Estádio José Alvalade, integrado nas celebrações do Sporting Clube de Portugal ligadas à Taça de Portugal, perante um estádio cheio de adeptos. A repetição do momento confirmou que a sua presença não era apenas simbólica: a música de Mastiksoul tornara-se parte do ritual coletivo de uma das maiores massas associativas do país.



Mastiksoul no Estádio José Alvalade, durante uma das celebrações da Taça de Portugal do Sporting Clube de Portugal — arquivo do artista.

Mastiksoul encerrou 2015 com “Esta Merda É Que É Boa” e uma remistura de “Only Love”, de Shaggy, Pitbull e Gene Noble. A ligação a Shaggy abriria caminho para “Good for You”, lançado em 2016 com Shaggy e Danny Shah.

O videoclipe de “Good for You” foi filmado no Uganda com os Triplets Ghetto Kids. A energia das crianças, a dança e a mensagem do projeto ajudaram a levar a música a um público internacional e reforçaram a ligação entre a produção de Mastiksoul e uma visão positiva da cultura africana.

Mastiksoul assinou também com a Brooklyn Knights, estrutura ligada à Sony Music nos Estados Unidos, e lançou “On Purpose”, com GC e Gene Noble. Segundo o arquivo do artista, o tema entrou no Top 10 de rádios de Nova Iorque. Com os neerlandeses Afro Bros, lançou “Dança do Bumbum”, que ganhou uma vida própria em aulas de Zumba e vídeos de dança.

Foi, contudo, “Gasosa”, com Laton, que se transformou num dos grandes fenómenos da carreira. A música reuniu humor, ritmo, refrão imediato e uma produção construída para a dança. O êxito renovou a ligação de Mastiksoul ao grande público e deu origem a uma digressão nacional de enorme intensidade.

13. 2017–2018: Mariza, Tou na Moda e uma nova geração

Fado, trap, humor e cultura digital

Em 2017, Mastiksoul realizou uma das colaborações mais inesperadas do seu percurso: “Livre”, com Mariza. A voz de uma das maiores figuras do fado português encontrou uma produção que cruzava eletrônica, trap e pulsação urbana. O resultado não procurava modernizar o fado de forma superficial; procurava criar um espaço em que duas identidades fortes pudessem coexistir.

O vídeo entrou rapidamente nas tendências e, segundo os dados preservados pela equipa, ultrapassou trezentas mil visualizações em dois dias. Mais uma vez, Mastiksoul demonstrava que a sua força não estava na fidelidade a um género fixo, mas na capacidade de fazer diferentes universos parecerem parte da mesma linguagem.

Em 2018, “Tou na Moda”, com Los Manitos, aproximou-o ainda mais de uma geração habituada a descobrir música através do YouTube e das redes sociais. O tema atingiu dez milhões de visualizações em cerca de cinco meses e tornou-se um dos maiores sucessos digitais da sua carreira.

“Estraga”, lançado no final do mesmo ano, entrou rapidamente no Top 3 das tendências e alcançou o primeiro lugar na categoria de Música em Portugal, segundo o arquivo de comunicação da época. A carreira que começara com vinis distribuídos fisicamente conseguia agora comunicar com uma geração para quem a música, a imagem, a coreografia e a partilha eram inseparáveis.

A adaptação ao digital não significou uma perda da experiência anterior. Pelo contrário: a compreensão da pista, do refrão e da repetição, desenvolvida desde os anos 1990, permitia a Mastiksoul criar temas com impacto imediato sem abandonar a construção rítmica que sempre o distinguira.

14. 2019–2023: continuidade, pandemia e regresso às raízes

Quando parar de atuar não significou parar de criar

Os anos seguintes trouxeram novos desafios à indústria. Em 2020, a pandemia interrompeu digressões, fechou clubes e retirou aos DJs o contacto direto com a pista. Para um artista cuja carreira sempre crescera através da relação física com o público, a mudança foi profunda.

Mesmo assim, Mastiksoul continuou a editar. “Pegadito”, com Anselmo Ralph, Blaya e Laton, reuniu diferentes gerações da música lusófona num tema de forte componente rítmica. Em 2021, “Coladinho”, com Nelson Freitas e Blaya, prolongou essa linha de colaboração entre eletrónica, pop e ritmos africanos.

Em 2022, respondeu à procura do público por uma das suas identidades mais marcantes com “Mastikbeats, Vol. 1”. O álbum recuperou a assinatura que unia afro-house, kuduro, música urbana e produção eletrónica. No mesmo ano, “Baile de Favela” ampliou a exploração de ritmos brasileiros e de uma linguagem de pista cada vez mais global.

O regresso às atuações depois da pandemia teve um significado particular. Não era apenas o retomar de uma agenda; era a recuperação de uma relação com o público construída ao longo de trinta anos. Em 2023, colaborações com Laton, como “Animal Noturno” e “Problema”, mostraram que Mastiksoul continuava a observar a cultura urbana contemporânea sem abandonar o próprio ADN.

Ao longo deste período, a 4Kenzo manteve-se como arquivo vivo e plataforma de novas edições. O catálogo histórico, que atravessara vinil, CD, downloads e streaming, começou também a ser redescoberto por novas gerações interessadas nas origens do tech house e na música percussiva dos anos 2000.

15. 2024–2026: fragilidade, recuperação e reafirmação

A carreira confrontada com o corpo, o tempo e a vontade de continuar

Em 2024, a ligação de Mastiksoul ao futebol ganhou uma nova dimensão institucional. O artista criou o hino oficial da União de Leiria, levando a sua linguagem de produção para a identidade sonora de um clube histórico do futebol português.

A 7 de fevereiro de 2024, apresentou o hino no Estádio Dr. Magalhães Pessoa, em Leiria, numa noite vivida perante uma casa lotada, próxima das vinte mil pessoas. A atuação colocou Mastiksoul diante de um dos maiores públicos de estádio da sua carreira em Portugal e prolongou uma relação entre música, futebol e celebração coletiva que já vinha das atuações em José Alvalade.



Mastiksoul no Estádio Dr. Magalhães Pessoa, em Leiria, a 7 de fevereiro de 2024, na apresentação do hino oficial da União de Leiria — arquivo do artista.

Em junho de 2024, Mastiksoul e Filipe Gonçalves lançaram “Somos Gigantes”, um tema de apoio à Seleção Portuguesa durante o Campeonato Europeu. A canção recuperava uma ligação antiga entre a sua música e os momentos de celebração coletiva associados ao futebol.

Poucos meses depois, a carreira foi interrompida por uma emergência muito mais séria. Mastiksoul foi internado numa unidade de cuidados intensivos devido a uma síndrome

compartimental, uma condição rara e grave que colocou a sua saúde e mobilidade em risco. Depois de décadas em que o corpo servira a viagem, a cabine e o palco, o artista foi obrigado a enfrentar a fragilidade física e um longo processo de recuperação.

A doença não deve ser transformada numa nota sensacionalista. O seu significado dentro da biografia está na forma como alterou a relação com o tempo. A carreira sempre fora feita de urgência: voos, estúdios, espetáculos, prazos, lançamentos. A recuperação impôs espera, disciplina e a necessidade de reconstruir movimentos que antes pareciam automáticos.

O álbum que vinha a ser preparado acabaria por chegar a 24 de janeiro de 2025. “I Am Mastiksoul”, editado pela 4Kenzo, reúne quinze faixas e cinquenta e um minutos de música. O título funciona como uma declaração direta: depois de tantas transformações estilísticas, colaborações e momentos de exposição, o artista regressava ao essencial — à pergunta sobre aquilo que faz uma música soar verdadeiramente a Mastiksoul.

O alinhamento inclui “I Miss You”, “Momentos” em versão Afrotech, uma releitura techno de “Livre”, “Introduction”, “De Lado” e outras faixas que cruzam memória, pista e reinvenção. O projeto estabelece uma ponte entre o techno dos primeiros anos, o house percussivo, as raízes africanas e a experiência de um produtor que aprendeu a trabalhar para públicos muito diferentes.

Em 2026, a atividade discográfica prosseguiu com novas edições, reworks e projetos de celebração do catálogo. “A Minha Casinha”, lançada em março, “Portugal Alé”, com Daniel Nascimento, em junho, e “Amo-Te”, com Mariiana, confirmaram a continuidade criativa. A compilação “26 Years of 4Kenzo”, misturada por Mastiksoul, voltou a colocar em circulação temas de diferentes épocas da editora.

Esta fase não representa um simples regresso ao ponto anterior à doença. Representa uma nova etapa. A longevidade de Mastiksoul não se explica apenas pela capacidade de sobreviver às mudanças da indústria; explica-se pela disponibilidade para mudar sem apagar o passado.

Epílogo — Uma assinatura que atravessou várias eras

O legado de um artista que ajudou a construir as estruturas por onde a própria música circulou

Mastiksoul pertence a uma geração que conheceu a música eletrónica antes de ela se tornar uma linguagem central da cultura popular. Aprendeu a produzir com máquinas e limitações técnicas, editou em vinil, transportou caixas de discos, negociou com lojas, construiu editoras e ajudou a distribuir o trabalho de artistas que definiram o tech house.

Quando a indústria passou para o digital, não ficou preso à nostalgia. Conquistou o Beatport, chegou ao primeiro lugar do iTunes, criou programas de rádio, atuou no Tomorrowland, participou em campanhas de televisão, trabalhou com artistas internacionais e aproximou a música eletrónica de vozes do fado, da pop, do kuduro, do R&B, do reggae e da música urbana.

A sua carreira une funções que raramente coexistem durante tanto tempo na mesma pessoa: DJ, produtor, remisturador, editor, distribuidor, curador, empresário e artista de grande público. Essa multiplicidade ajuda a explicar a dimensão da lista de editoras, licenças, colaborações e palcos associados ao seu nome.

A obra de remisturador reforça essa multiplicidade. Ao reconstruir faixas de artistas tão diferentes como DJ Sneak, Buraka Som Sistema, Reel 2 Real, Shaggy ou Mary J. Blige, Mastiksoul mostrou que a sua assinatura podia sobreviver à mudança de voz, idioma, época e mercado. Poucos produtores portugueses construíram um arco tão extenso entre o vinil underground e a remistura oficial de uma das grandes vozes do R&B norte-americano.

Mas o legado não se mede apenas pela quantidade. Mede-se pelo lugar ocupado em momentos de transformação. Mastiksoul esteve presente quando o techno português dava os primeiros passos em vinil; quando o tech house londrino crescia através de lojas, festas e distribuidoras; quando o Beatport mudou a economia da música de dança; quando os DJs passaram para os grandes festivais; quando o YouTube e o streaming redefiniram o êxito; e quando a música lusófona começou a circular de forma cada vez mais global.

Mais de três décadas depois do início, a pergunta já não é se Mastiksoul pertence a uma determinada época. A sua carreira pertence a várias. É essa continuidade — e não apenas um tema, um prémio ou uma atuação — que transforma o percurso de Fernando de Oliveira Figueira numa história singular dentro da música eletrónica portuguesa.

“Mastiksoul não representa apenas uma geração da música de dança. Representa a capacidade de atravessar gerações sem deixar de ser reconhecível.”

Apêndice I — Marcos, distinções e memória visual

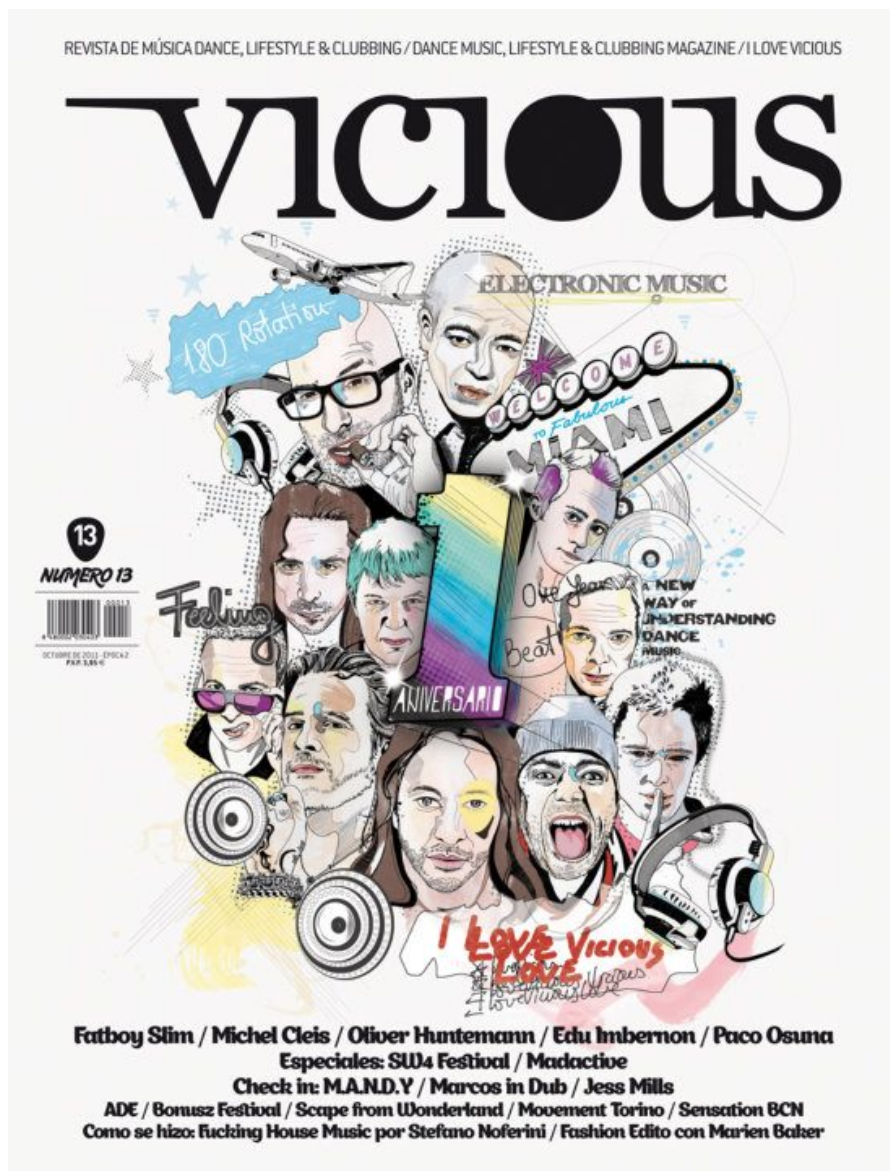
A lista seguinte reúne alguns dos marcos documentados nos press kits, press sheets, imagens e biografias históricas. Não pretende substituir a narrativa, mas facilitar a consulta editorial.

- 1992 — início da carreira como DJ e produtor.
- 1997 — “V-Bomb”, sob o nome DJ Viper, editado em vinil pela Squeeze.
- Início dos anos 2000 — estúdio em Londres; fundação da 4Kenzo e da Digital Distribution com DJ Token Pace.
- 2003 — “South Tribal EP”; licença para “Joy of the Decks”, da ITV; “I Believe” incluído em “Fabric 16”, de Eddie Richards.
- 2005 — criação da Yoda Recordings e Hoshi Recordings; digressões por Europa, Américas e Bulgária.
- 2006 — colaboração com DJ Sneak e Renato Cohen; criação da Kitsam Recordings; nomeações nacionais para Melhor Produtor.
- 2006 — representação no Brasil pela Hypno DJs Management e início de sucessivas digressões brasileiras.
- 2007 — digressão mundial; colaboração com Saeed Younan no primeiro lugar do Beatport durante quatro semanas, segundo arquivo da época.
- 2008 — “Jacobino”, “Run for Cover” e “Land of Spirits”; Melhor Remixer nos prémios da Rádio Nova Era e Melhor Produtor de Música nos Portugal Night Awards.
- 2009 — “Bofe de Elite EP” no primeiro lugar do Tech House do Beatport; nomeação nos Beatport Music Awards; Sensation White no Pavilhão Atlântico com transmissão televisiva na SIC Radical; capa da Dance Club; prémios Rádio Nova Era de Melhor Produtor Nacional e Carreira.
- 2010 — “The Album” no primeiro lugar do iTunes Portugal.
- 2010 — “When I Fall in Love” com Dada e Angélico Vieira; lançamento mediático do videoclipe na Kapital.
- 2011 — programa na Rádio Nova Era; duas capas da Vicious; prémio de Melhor Artista Estrangeiro; atuações em dois países no mesmo dia.
- 2012 — programa na Cidade FM; álbum “Forever”; estreia no Tomorrowland; Spirit of London no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo.
- 2013 — capa da revista Super Noite como DJ/produtor n.º 1 de Portugal da atualidade; regresso ao Tomorrowland; concerto com Anselmo Ralph no MEO Arena; “Legend”; campanha MEO Music com Ricardo Araújo Pereira.
- 2014 — “Dança do Campeão”; “Naked in the Streets”.
- 2015 — “Mastikbeats”; atuação no Estádio José Alvalade; criação de Mastikbeats Live.
- 2015–2016 — atuações durante dois anos consecutivos no Estádio José Alvalade, perante o estádio cheio, nas celebrações do Sporting Clube de Portugal ligadas à Taça de Portugal.
- 2016 — “Good for You” com Shaggy e Danny Shah; “Dança do Bumbum”; “Gasosa”.
- 2017 — “Livre” com Mariza.
- 2018 — “Tou na Moda” e “Estraga”.
- 2020 — “Pegadito” com Anselmo Ralph, Blaya e Laton.
- 2021 — “Coladinho” com Nelson Freitas e Blaya.

- 2022 — “Mastikbeats, Vol. 1” e “Baile de Favela”.
- 2024 — “Somos Gigantes”; internamento por síndrome compartimental.

2024 — criação do hino oficial da União de Leiria e apresentação no Estádio Dr. Magalhães Pessoa, a 7 de fevereiro, perante uma casa lotada próxima das vinte mil pessoas.

- 2025 — lançamento de “I Am Mastiksoul”.
- 2026 — novas edições e celebração de 26 anos da 4Kenzo.



Segunda presença de Mastiksoul na capa da Vicious em 2011.

Apêndice II — Editoras, selos e catálogos associados

Edições originais, remisturas, licenças e compilações

Ao longo da carreira, música original, remisturas ou faixas licenciadas de Mastiksoul apareceram em dezenas de editoras e catálogos. A inclusão nesta lista não significa necessariamente que cada selo tenha lançado um single original isolado: em vários casos trata-se de compilações, licenças territoriais, remisturas ou edições de catálogo.

4Kenzo Limited	4Kenzo Recordings	541
ADSR Records	Art-Group Music	Atal Music
Atlantis	AV8	Azuli Back Catalog
Azuli Records	Beat Therapy Records	Belgian House Mafia
BigCityBeats	Black Hole Recordings	Blanco Y Negro
Budenzauber	Budenzauber Recordings	Caballero Recordings
Catwalk Records	Cloud 9 Dance	Club Session
CNR Music	Columbia Music Entertainment	Contraseña Records
Cool Beat Records	Cr2 Records	Cutbrook Records
D-Tracks Industry	D:vision Records	Dance And Love
Dance Club	Defected	Destined Records
Diamond Records	Dirty Dutch Music	Dirty Ego
disco:wax	Do It Yourself Entertainment Strategic Marketing	Do It Yourself Multimedia Group
Ego Music	Elevator Music	Embassy One
EMI TV / EMI	Enchufada	Evasive Records
Evidence Records	Exklusive Records / Vidisco	F.M.A. Edizioni Musicali E Discografiche
Fabric London	FAMILIES	Farol Música
Feiyr	Flamingo Recordings	Funktástica Records
Futureaudio	G-REX Music	Gastspiel Records
George V Records	Global Beats Records	Goanche
Great Stuff Recordings	Greenskeepers Music	Guajira Recordings
Guesthouse Music	Happy Music	High Note Records
Hoshi Recordings	House On The Hill	Household Digital
Hugh Recordings	Hysterical	Ibiza Club
iCompilations	ID&T	Is This
ITH / Defected In The House	ITH Records	Just Entertainment
Kaos Records	Kismet	Kitsam Recordings
Knife Edge	Kontor Records	KULT

Le Bien Et Le Mal Recordings	Loko Motion Records	Lola's World
Magna Recordings	Matinée Records	May Recordings
Metric Recordings	Minimus	Ministry Of Sound
Ministry Of Sound Australia	Ministry Of Sound Germany	Mostiko
Moxi Records	Muzik X Press	N.E.W.S.
Nervous Records	Net's Work & Songs	Net's Work International
New State Music	Not On Label	OM Records
On Air	Onelove	Paradise Import Records
PMI Azuli	Premier	Radio Studio 105
Rawthentic Music	Recovery House	Renaissance
Rise Records	Rising Music	Robsoul Recordings
Rodeo Media	Selekted Music	Serious Beats
Silver Label	Sneakerz Muzik	Sony Music Entertainment France
Soul Candi	Spinnin' Deep	Spinnin' Records
Squad Music	Star 69 Records	Starlight
Stereo Productions	Strictly Rhythm	Subliminal
Tango Recordings	Tenor Recordings	Tiger Records
TIME Records	Tommy Boy	Toolroom Records
Toptrax Recordings	Traxx	Trepertre Music Records
Tribo Recordings	Ultra Records	Universal Music Austria
Universal Music Group	URBR – Underground Records Brasil	Vale Music / Universal Music Spain
Vendetta Records	Vidisco	Voch Records
Wagram	Wagram Music	Warbled Music
Warner Dance Labels	Wasabi Recordings	Yoda Records

Apêndice III — Discografia e compilações selecionadas

A discografia completa é extensa e inclui centenas de edições, remisturas, colaborações, licenças e reedições. Esta seleção organiza alguns títulos determinantes para a narrativa da carreira.

Período	Lançamento(s)	Relevância
1997	V-Bomb	Primeiro vinil, lançado como DJ Viper pela Squeeze.
2002–2003	Malembé EP / South Tribal EP / I Believe EP	Primeiros marcos da transição para o house e tech house internacional.
2003	I Believe — Fabric 16	Licença para a compilação de Eddie Richards no Fabric.

2005–2007	Pumpie, Nizigi, Macaron, To the Beat e múltiplos EPs 4Kenzo/Kitsam	Expansão de catálogo e colaborações internacionais.
2008	Jacobino / Run for Cover / Land of Spirits	Fase de domínio nas tabelas do Beatport.
2009	Bofe de Elite EP	Primeiro lugar da tabela Tech House do Beatport.
2010	The Album	Colaborações com Akon, Buraka Som Sistema, Gregor Salto e outros; #1 iTunes Portugal.
2011–2012	Forever	Álbum, single e digressão que consolidaram o grande público.
2012	Hurricane	Single com David Anthony e Taylor Jones.
2013	Hands Up / Turn Up / Legend	Fase de grande exposição nacional e internacional.
2014	Dança do Campeão / Naked in the Streets	Cultura popular e produção internacional.
2015	Mastikbeats / Esta Merda É Que É Boa	Nova linguagem urbana e conceito ao vivo.
2016	Good for You / On Purpose / Dança do Bumbum / Gasosa	Colaborações internacionais e grande sucesso popular.
2017	Livre	Colaboração com Mariza.
2018	Tou na Moda / Estraga	Êxitos da era YouTube.
2020–2021	Pegadito / Coladinho	Colaborações com Anselmo Ralph, Blaya, Laton e Nelson Freitas.
2022	Mastikbeats, Vol. 1 / Baile de Favela	Regresso às raízes afro-urbanas.
2024	Hino oficial da União de Leiria	Criação e apresentação no Estádio Dr. Magalhães Pessoa, a 7 de fevereiro, perante uma casa lotada próxima das vinte mil pessoas.
2024	Somos Gigantes	Tema de apoio à Seleção Portuguesa.
2025	I Am Mastiksoul	Álbum de 15 faixas lançado pela 4Kenzo.
2026	A Minha Casinha / Portugal Alé / Amo-Te / 26 Years of 4Kenzo	Continuidade discográfica e celebração do catálogo.

Apêndice IV — Remisturas, reworks e colaborações selecionadas

Uma cartografia da assinatura Mastiksoul aplicada ao repertório de outros artistas

A lista seguinte distingue remisturas oficiais, reworks e colaborações. Não pretende esgotar um catálogo com centenas de referências; reúne exemplos representativos, confirmados pelo arquivo histórico, press sheets e catálogos digitais oficiais.

Artista / projeto	Obra / intervenção	Classificação
DJ Sneak	“Funky Guitar” / “Vibrations” — Mastiksoul Remixes	Remistura oficial / fase underground
Saeed Younan	“Keep Me Up” / “To The Beat” — versões e colaboração Mastiksoul	Remistura e colaboração
1200 Warriors	“MF Digi” — Mastiksoul Avangard Remix	Remistura oficial
DJ Homewrecker	“Step Daddy” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
Hipp-E	“Team USA” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
James Curd	“Fall Off the Wall” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
Chus, Ceballos & Carlos Manaca	“Strong Rhythm” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
Cidinho & Doca	“Rap das Armas” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial / Brasil
Flow 212	“Ritmo do Meu Flow” — Mastiksoul Mix e Mastiksoul Smash Mix	Remisturas oficiais
Buraka Som Sistema feat. Deize Tigrona	“Aqui Pra Vocês” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
Balearic Soul	“Olé” — Mastiksoul Classic Remix	Remistura oficial
Reel 2 Real feat. The Mad Stuntman	“I Like to Move It” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial de clássico mundial
Juan Magán	“Mariah” — Mastiksoul Smash Remix	Remistura oficial
Bob Sinclar feat. MC Leozinho	“LaLa Funk” — Mastiksoul Remix	Remistura de catálogo
Shaggy, Pitbull & Gene Noble	“Only Love” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
Shaggy & Massari	“Why” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial
Shaggy & OMI	“Seasons” — Mastiksoul Island Mix	Remistura oficial
Mary J. Blige	“Good Morning Gorgeous” — Mastiksoul Remix	Remistura oficial / R&B internacional
Mariza	“Livre” — posterior releitura techno da colaboração original	Nova versão / reinterpretação
MAGIC!	“Good Feeling About You” — Afrotech Remix	Rework / tema coassinado
DYSTINCT & Jesús Fernández	“Mala Mala” — AfroHouse Rework	Rework coassinado
MC Fioti & Tanishk Bagchi	“Bumbum Tremendo”	Colaboração original, não remistura

FIM DO MANUSCRITO BASE

Versão editorial revista, ampliada e atualizada: julho de 2026